

A POPULARIDADE E A IDENTIFICAÇÃO DO PÚBLICO LEITOR COM O CAPITÃO RODRIGO CAMBARÁ, O HERÓI SEM CARÁTER EM "O TEMPO E O VENTO"

THE POPULARITY AND IDENTIFICATION OF THE READING PUBLIC WITH CAPTAIN RODRIGO CAMBARÁ, THE HERO WITHOUT CHARACTER IN "THE TIME AND THE WIND"

LA POPULARIDAD Y LA IDENTIFICACIÓN DEL PÚBLICO LECTOR CON EL CAPITÁN RODRIGO CAMBARÁ, EL HÉROE SIN CARÁCTER DE "EL TIEMPO Y EL VIENTO".

CHAVES, Anne Yasmin de Lima

URCA - Universidade Regional do Cariri

MARTINS, Rodrigo Nóbrega

EEMTI Estado da Bahia

<https://orcid.org/0000-0001-8930-610X>

RESUMO

Por meio da análise do discurso e do método *close reading*, este artigo analisa a construção do personagem Capitão Rodrigo Cambará como representação do "herói sem caráter" mediante análise do contexto histórico no qual o personagem é concebido. O estudo demonstra que Rodrigo Cambará incorpora contradições típicas do anti-herói moderno, conjugando-as ao modelo heroico tradicional para representar a complexidade psicológica e moral do homem brasileiro. A análise revela como o contexto histórico de produção da obra - marcado pela democratização pós-Estado Novo e pela modernização do país - influencia a criação de um protagonista ambíguo que reflete as tensões entre tradição e modernidade na sociedade brasileira.

Palavras-chave: Rodrigo Cambará; Érico Veríssimo; literatura brasileira; regionalismo.

ABSTRACT

Through discourse analysis and the close reading method, this article analyzes the construction of the character Captain Rodrigo Cambará as a representation of the "hero without character" by analyzing the historical context in which the character is conceived. The study demonstrates that Rodrigo Cambará incorporates contradictions typical of the modern anti-hero, combining them with the traditional heroic model to represent the psychological and moral complexity of the Brazilian man. The analysis reveals how the historical context of the work's production—marked by post-Estado Novo democratization and the modernization of the country—influences the creation of an ambiguous protagonist who reflects the tensions between tradition and modernity in Brazilian society.

Keywords: Rodrigo Cambará; Érico Veríssimo; Brazilian literature; regionalism.

RESUMEN

Mediante el análisis del discurso y la lectura atenta, este artículo analiza la construcción del personaje del Capitán Rodrigo Cambará como representación del «héroe sin carácter», examinando el contexto histórico en el que se concibe. El estudio demuestra que Rodrigo Cambará incorpora contradicciones propias del antihéroe moderno, combinándolas con el modelo heroico tradicional para representar la complejidad psicológica y moral del hombre brasileño. El análisis revela cómo el contexto histórico de la producción de la obra —marcado por la democratización posterior al Estado Novo y la modernización del país— influye en la creación de un protagonista ambiguo que refleja las tensiones entre tradición y modernidad en la sociedad brasileña.

Palabras clave: Rodrigo Cambará; Érico Veríssimo; literatura brasileña; regionalismo.

1 INTRODUÇÃO

A prosa de Érico Veríssimo representa um marco na literatura brasileira do século XX, articulando com maestria elementos épicos e líricos na construção de

narrativas que transcendem o mero regionalismo para alcançar uma dimensão universal. Sua obra mais conhecida, "O tempo e o vento", constitui exemplo paradigmático desta síntese, na qual a singeleza do lirismo não se opõe à grandiosidade épica, mas a enriquece e humaniza.

Entre as personagens que povoam esta vasta saga familiar, destaca-se o Capitão Rodrigo Cambará, figura emblemática que encarna as contradições fundamentais do caráter dos heróis literários reaparecidos na literatura brasileira de 1930. Longe de representar o herói tradicional, depositário de virtudes imaculadas e atitudes divinatórias dignas de um cânone religioso ou mártir de outras eras, Rodrigo configura-se como o que Andrade (1928) denominou "herói sem caráter", protagonista marcado pela indeterminação moral e psicológica, reflexo das tensões culturais de uma sociedade em formação.

Este artigo propõe-se a analisar como Veríssimo constrói literariamente esta personagem de natureza tão complexa, investigando os recursos empregados na caracterização de um anti-herói que, paradoxalmente, conquista a simpatia do leitor por meio de suas próprias contradições. É justamente aqui que reside a pergunta que norteia a presente investigação: por que há tanta identificação do público leitor com o Capitão Rodrigo Cambará?

Esta pesquisa adota abordagem qualitativa, de natureza interpretativa, fundamentada nos pressupostos da análise do discurso, combinando análise textual imanente com contextualização histórico-cultural. O método empregado articula *close reading*¹ das passagens mais significativas da caracterização de Rodrigo Cambará com investigação do contexto histórico de produção da obra.

O método *close reading*, segundo Richards (1929), propõe uma leitura atenta e detalhada, focalizando os elementos textuais específicos como escolhas lexicais, estruturas sintáticas, figuras de linguagem e estratégias retóricas. Esta abordagem, consolidada nos métodos de estudos de natureza literária, permite uma compreensão profunda das nuances textuais e de seus efeitos de sentido.

Corroborar-lhe o postulado Brooks (1947), ao afirmar que o *close reading* possibilita a identificação de tensões, ambiguidades e complexidades presentes no

¹ Close reading, ou leitura atenta, é um método de análise literária que envolve a interpretação cuidadosa e sustentada de uma passagem específica de um texto. Em vez de resumir ou focar apenas no conteúdo, o leitor examina detalhadamente o texto, analisando palavras, estrutura, ideias e padrões para compreender seu significado mais profundo e suas conexões com a obra na totalidade. O objetivo é desenvolver uma compreensão mais rica da obra e da beleza da literatura.

texto que poderiam passar despercebidas em uma leitura superficial. Na perspectiva de Culler (2002), este método permite que emergjam significados não evidentes em uma primeira aproximação.

A abordagem qualitativa, conforme definida por Denzin e Lincoln (2006), permite uma compreensão aprofundada dos fenômenos sociais e culturais por intermédio da interpretação dos significados que os sujeitos atribuem às suas experiências e práticas discursivas.

A análise do discurso integra o aporte teórico-metodológico desta investigação. Adota-se, para tal, a perspectiva de Foucault (2008), que compreende o discurso não apenas como um conjunto de enunciados linguísticos, mas como uma prática social que constrói os objetos de que fala. Nessa linha, seguimos também as contribuições de Orlandi (2012), que ressalta a importância de analisar as condições de produção do discurso, considerando tanto o contexto imediato quanto o contexto sócio-histórico mais amplo.

O discurso, nesta pesquisa, é entendido como uma forma de ação social que não apenas descreve a realidade, mas a constrói ativamente, consoante salienta Fairclough (2001). Dessa forma, procura-se identificar as estratégias discursivas, as formações ideológicas subjacentes e os efeitos de sentido produzidos pelos textos analisados.

O *corpus* da pesquisa concentra-se especialmente no episódio "Um Certo Capitão Rodrigo", que introduz a personagem na narrativa, e em passagens posteriores que desenvolvem sua caracterização ao longo da trilogia.

Este estudo parte da hipótese de que o personagem Rodrigo Cambará desperta a simpatia do público leitor porque é um herói humano, que não precisa ser imaculado, perfeito; que, diferente de tantos outros heróis, sobretudo os hagiográficos, não precisa imolar-se; não busca a salvação, nem a perfeição. É, por isso, um herói acessível e que se comunica com a natureza humana; seus equívocos e enganos; suas falhas, seus avanços e retrocessos fazem com que Rodrigo Cambará esteja presente em cada um como elemento identificador da vida cotidiana, natural das gentes comuns.

Elenca-se como objetivo geral do presente estudo identificar por que razão o personagem Rodrigo Cambará desperta com tanta ênfase a simpatia do público leitor.

Constituem-se objetivos específicos: (1) delinear o contorno histórico em que o personagem Rodrigo Cambará é concebido; (2) mapear os principais traços na personalidade de Rodrigo Cambará e (3) identificar como se comporta Érico Veríssimo frente a um de seus mais famosos personagens: Rodrigo Cambará.

Justifica a presente pesquisa o fato cabal de que a Literatura desempenha papel fundamental na formação humana, conforme destacam Candido (2004) e Compagnon (2009). Ademais, conforme argumenta Cosson (2006), o letramento literário é essencial para a formação crítica do cidadão, capacitando-o a interpretar não apenas textos, mas a própria realidade social.

Igualmente justifica o estudo o fato de que, conforme Barthes (2004), o texto literário não é mero objeto de análise formal, mas espaço de produção de sentidos em diálogo constante com o contexto histórico-social e com as subjetividades dos leitores. Investigar a relação entre público e personagem em obra tão significativa quanto "O Tempo e o Vento" é, portanto, contribuir para a valorização da literatura como patrimônio cultural e ferramenta indispensável à formação humana integral.

2 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA: O BRASIL ENTRE 1939 E 1961

Érico Veríssimo começou a planejar "O tempo e o vento" em 1939, como um romance que seria intitulado "Caravana", e abordaria a história do Rio Grande do Sul entre 1740 e 1940. O título, entretanto, era provisório. Desde sempre o fora, diria Érico, tempos depois. A primeira ideia realmente robusta de título para obra era "Punhal de prata", em referência ao punhal que, dado por Pedro Missioneiro para Ana Terra, percorre várias gerações num intervalo temporal de cerca de 200 anos. No final, nem "Caravana", nem "Punhal de prata". "O tempo e o vento" surgiria como título definitivo da saga em 1962.

A obra levou muito tempo para estar conclusa e nesse interregno muitas coisas mudaram. Não somente o título, mas o próprio Érico amadureceria em tantos anos de intenso labor literário. A obra completa foi publicada ao longo de 13 anos (1949 a 1961), período que coincide com a relativa democratização brasileira pós-Estado Novo. Durante este período, não foram poucas nem superficiais as modificações ocorridas na sociedade brasileira.

Conforme argumenta Zilberman (1982), a narrativa verissimiana articula a identidade sul-rio-grandense por meio de um mito fundador que celebra o heroísmo

dos colonizadores e a cultura pastoril, elementos que se entrelaçam com o projeto de consolidação de uma memória regional oficializada. Mas também mostra o coronelismo e o tradicionalismo, marcantes da época.

Como muito propriamente observa Pesavento (1993), esse tradicionalismo não pode ser dissociado de seu contexto de produção: uma sociedade brasileira marcada por valores oitocentistas persistentes, como o patriarcalismo, a hierarquia social rígida e o conservadorismo político. As estruturas narrativas de Veríssimo, ao representarem as famílias Terra-Cambará e Amaral, revelam não apenas a especificidade gaúcha, mas um microcosmo das contradições nacionais, nas quais o coronelismo, o latifúndio e o poder patriarcal atravessam séculos mantendo-se quase inalterados, configurando aquilo que Faoro (2001) denominou de "estamento burocrático" brasileiro.

Leal (1975), em seu estudo clássico, define o coronelismo como compromisso entre o poder público, progressivamente fortalecido, e a decadente influência social dos chefes locais, especialmente dos senhores rurais. No Rio Grande do Sul, essa estrutura assumiu características específicas. Pesavento (1999) demonstra como os estancieiros gaúchos constituíram elite singular, fundada na propriedade da terra e na criação extensiva de gado, desenvolvendo *ethos* próprio baseado em valores como honra, valentia e fidelidade ao grupo a que pertenciam.

Rodrigo Cambará apresenta este coronelismo dos estancieiros gaúchos no modo como trata a esposa, no modo como dá determinadas ordens, no tom de voz imperioso de que faz uso e na própria mentalidade de que só se pode desforrar certos desaforos à custa de sangue.

Por outro lado, em 1945, o Brasil vivia, não um momento de redemocratização, mas uma euforia pelo novo que, de um ou de outro modo, se anunciava no pleito do qual sairia vencedor o Marechal Eurico Gaspar Dutra, na modernização urbana e industrial, anunciando as benesses da tecnologia.

Foi a época da chegada eletrificação urbana, dos bondes elétricos, da telefonia, do cinema, dos automóveis e da aviação. Tais elementos alteraram radicalmente o cotidiano das elites e das camadas médias urbanas. Sevcenko (1998, p. 7) caracteriza esse período como marcado por "sensação de vertigem" diante da velocidade das mudanças tecnológicas e culturais.

Esta euforia, esse furor pelo novo, que coexistia com o velho coronelismo, também mostra-se presente em Rodrigo Cambará. Um aspecto particularmente revelador da personalidade transgressora e moderna de Rodrigo é sua prática do violão. Taborda (2011) adiciona que durante o século XIX e início do XX, o violão era considerado um instrumento de classes populares, associado à boêmia, às serenatas e aos ambientes marginalizados. Para um membro da elite rural, como Rodrigo Cambará, dedicar-se ao violão representava um ato de rebeldia contra os códigos sociais vigentes.

Tinhorão (1998) ressalta que o violão, ao longo do século XIX, foi sistematicamente desprezado pelas classes dominantes brasileiras, que privilegiavam o piano como instrumento de erudição e distinção social. A escolha de Rodrigo pelo violão revela, portanto, uma identificação com valores culturais considerados inferiores pela aristocracia rural, demonstrando sua inclinação para romper com convenções estabelecidas.

Segundo Aragão (2011), o violão carregava ainda uma conotação de sensualidade e libertinagem, estando associado aos seresteiros e aos espaços noturnos da cidade. Ao abraçar esse instrumento, Rodrigo manifestava não apenas gosto musical diferenciado, mas uma postura existencial de confronto com os valores patriarcais e conservadores de sua classe. Na narrativa, esta afronta a certos valores aparece já na chegada do capitão à vila de Santa Fé, quando realiza uma noitada regada a violão e cachaça justamente no dia de finados.

A abertura de Rodrigo Cambará às artes e à cultura urbana não se limitava à música. Veríssimo (1995) constrói sua personagem como um abolicionista em pleno século XVIII, adepto do voto direto, atraído pelas ideias modernas, pela literatura, pelo teatro e pelas discussões políticas que fervilhavam nos centros urbanos. Essa característica o diferencia dos demais membros de sua família, mais apegados às tradições e à vida campestre e em franca oposição à família Amaral, iniciadora, noutros tempos, do povoamento de Santa Fé.

Bordini (1995) identifica em Rodrigo o protótipo do intelectual provinciano que busca, por meio do contato com as manifestações culturais e tecnológicas, transcender as limitações de seu meio social. Essa busca, contudo, é sempre marcada pela ambiguidade: Rodrigo nunca abandona completamente seus vínculos

com o mundo rural e patriarcal, permanecendo eternamente dividido entre dois universos.

Esta tensão entre moderno e arcaico, entre a rudeza machista e autoritária dos coronéis dos sertões esquecidos e os ecos da *Belle Époque* nas grandes cidades como Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte é extrema, dual e está impressa, de forma indelével, na personalidade de Rodrigo Cambará. Como argumenta Faoro (2001) em sua análise da formação brasileira, a modernização do país caracterizou-se historicamente pela coexistência contraditória entre elementos progressistas e estruturas arcaicas, produzindo "modernização sem mudança" - processo em que inovações tecnológicas e econômicas ocorrem sem transformação profunda das relações sociais de poder.

Rodrigo tem em si a força, o autoritarismo, o machismo e a valentia dos coronéis. Mas também guarda a música, o desejo de liberdade e igualdade em todos os sentidos. Eis, então, o herói e o anti-herói habitando o mesmo corpo.

3 O HERÓI HUMANO OU O ANTI-HERÓI?

Como observa Staiger (1997), Rodrigo Cambará é apresentado como "cavaleiro boêmio e destemido que adentra a pacata cidade de Santa Fé", surgindo inicialmente como figura épica tradicional. Sua chegada, descrita com pompa quase mitológica, evoca os heróis cavaleirescos da literatura medieval.

Contudo, esta grandiosidade inicial progressivamente se desfaz mediante recursos que humanizam e problematizam o personagem. Veríssimo emprega técnicas de interiorização psicológica que revelam as fragilidades ocultas sob a máscara heroica. O discurso indireto livre permite acesso à consciência de Rodrigo, desvelando suas inseguranças, medos e contradições.

Andrade (1928), em sua análise de "Macunaíma", estabeleceu o conceito de "herói sem caráter" para designar protagonistas marcados pela ausência de coerência moral e psicológica. Este anti-heroísmo não é novo, não nasce com Mário de Andrade nem com o próprio Veríssimo. O Realismo já produzira heróis e protagonistas perfeitamente reprováveis segundo a moral tradicional, caracterizados pela indefinição cultural e pela dificuldade de consolidar valores da tradição judaico-cristã ocidental em si mesmos. Basta lembrar de Basílio, o galã

aproveitador e covarde de Eça de Queiroz, ou mesmo a futilidade de Brás Cubas, o protagonista *playboy* e mulherengo de Machado de Assis.

O "herói sem caráter" distingue-se do herói tradicional pela incapacidade de encarnar ideais absolutos ou de manter coerência entre princípios declarados e ações efetivas. Esta característica, longe de diminuir sua humanidade, torna-o mais próximo da experiência comum, gerando identificação empática com o leitor.

O anti-heroísmo constitui traço distintivo da literatura moderna, refletindo a crise dos valores absolutos e a complexificação da experiência humana na sociedade industrial. Como analisa Lukács (1965), o romance moderno caracteriza-se pela "ironia" - distância crítica que permite representar a realidade sem aderir ingenuamente a seus valores aparentes.

Esta caracterização dualística permite ao escritor construir personagens contraditórios, capazes de encarnar simultaneamente grandeza e mesquinhez, heroísmo e covardia, altruísmo e egoísmo. Rodrigo Cambará é descrito como "personagem multifacetado, ora simpático, ora cruel", incorporando contradições que o afastam do heroísmo convencional e ainda assim geram simpatia. Esta ambiguidade moral constitui traço distintivo do "herói sem caráter", incapaz de manter coerência ética absoluta. Conforme observa Zilberman (1982), Veríssimo constrói suas personagens a partir de uma perspectiva realista que privilegia a representação de seres humanos integrais, com virtudes e defeitos, positivities e negatividades.

A literatura abandona a tipificação esquemática para explorar a complexidade psicológica e moral do indivíduo moderno. Personagens portadoras destas contradições prestam, na verdade, um enorme bem à literatura ao passo que promovem uma identificação do leitor com a obra.

É como se a narrativa transmitisse ao leitor a ideia clara de que para ser herói, não há que ser perfeito, como os cânones de outros momentos literários ou dos alfarrábios religiosos que vararam épocas e gerações, tantas vezes delineando personalidades fictícias, absolutamente inatingíveis diante das dificuldades diversas da vida do ser comum. O leitor enxerga-se em Rodrigo Cambará.

O capitão é um herói humano. Tem pontos positivos e negativos. Como todos, ele acerta e erra. A coragem mistura-se à boemia. É, simultaneamente, mulherengo e amigo leal. Apesar de sua destreza militar, de sua experiência nos rigores da

guerra, não ganha sempre; apesar de ser exímio soldado, é vencido bestamente no combate diante da casa de pedra da família Amaral.

As ações de Rodrigo frequentemente contradizem seus princípios declarados. Cavaleiro que se proclama defensor da honra, não hesita em trair a confiança alheia quando convém a seus interesses. Homem que cultiva a imagem de valente, revela momentos de indecisão. Esta incoerência, longe de diminuir a personagem, torna-a mais humana e convincente.

Segundo Candido (2011), a personagem literária ganha densidade quando apresenta complexidade psicológica e contradições, elementos que Rodrigo Cambará manifesta abundantemente ao longo da trilogia. Assim, a identificação do leitor não se dá pela admiração de um ideal inatingível, mas pelo reconhecimento de uma humanidade compartilhada, o que torna Rodrigo Cambará uma das personagens mais memoráveis da literatura brasileira.

Por meio de recursos estilísticos sutis - ironia benevolente, humor carinhoso, compreensão psicológica -, o narrador conquista a cumplicidade do leitor, que passa a perdoar as falhas de Rodrigo em nome de sua humanidade e chega a torcer para que ele tenha sucesso em seus intentos.

À medida que o romance avança, "Rodrigo Cambará desaparece: as ações deixam de se dar por meio dele", simbolizando a crise do heroísmo individual numa sociedade em transformação. Este progressivo esquecimento do personagem reflete mudanças históricas mais amplas: a modernização que torna obsoletos os valores tradicionais do gaúcho.

No entendimento de Dalcastagnè (2005), a forma como a morte de Rodrigo é tratada, com melancolia lírica que comove o leitor, na qual sua viúva, Bibiana Terra Cambará, saudosa e triste, contempla o telhado do casario modesto de Santa Fé, opõe-se frontalmente à forma como Rodrigo entra triunfante na modesta vila; opõe-se à natureza impulsiva e vigorosa que caracterizou o personagem ao longo de sua trajetória.

Zilberman (1992) entropõe que Veríssimo não ridiculariza a personagem, mas dá uma mensagem que cala: heróis morrem. Rodrigo Morreu. A morte revela a passagem do tempo, o envelhecimento, a perda de prestígio do antigo herói. Este tratamento humano, esta fragilidade heroica revela a perspectiva humanística do autor, que compreende as transformações históricas sobre, absolutamente, tudo.

Rodrigo Cambará "não corresponde a uma caracterização idealizada do gaúcho", representando antes uma versão desmitificada e humanizada do tipo regional. Esta desmitificação não implica desvalorização, mas complexificação: o gaúcho deixa de ser estereótipo folclórico para tornar-se indivíduo concreto, com virtudes e defeitos.

O herói fuma, fede, tem bafo. Urina, defeca. Rodrigo Cambará, embora profundamente herói na cultura gaúcha, é profundamente humano. Chaves (1999) argumenta que essa humanização do protagonista é essencial para a construção de uma narrativa que dialogue com a realidade histórica e social do Rio Grande do Sul, tornando o personagem verossímil.

4 ÉRICO E RODRIGO; NARRADOR E PERSONAGEM

O narrador, por sua vez, observa com ironia benevolente as pretensões heroicas do personagem, mas compadece-se de sua inevitável decadência. Como destacam Bordini e Zilberman (2004, p. 145), "o narrador de Érico Veríssimo oscila entre a admiração e a crítica ao representar as figuras masculinas da saga, evitando tanto a glorificação quanto a condenação simplista". Esta duplicidade de perspectiva enriquece a representação, evitando tanto a idealização quanto a caricatura.

A construção de Rodrigo Cambará como "herói sem caráter" reflete esta tendência desmitificadora. Em lugar de celebrar acriticamente o passado heroico, Veríssimo propõe releitura humanizadora que preserva a dignidade das personagens históricas sem ocultar suas contradições e limitações.

Em fina sintonia, Chagas e Oliveira (2024) argumentam que a década de 1950 marca aceleração do processo de modernização brasileira, com consequente crise dos valores tradicionais. Esta transformação histórica encontra expressão literária na criação de personagens inadaptadas, incapazes de encontrar lugar no mundo moderno.

Rodrigo Cambará incorpora esta crise existencial: herói de um mundo que desaparece, torna-se figura anacrônica numa sociedade em transformação. Sua tragédia pessoal simboliza a tragédia coletiva de uma geração que perde referências tradicionais sem conseguir adaptar-se à modernidade.

Remédios (1999) salienta que a figura de Rodrigo Cambará contribui para a construção identitária do ser humano real na literatura, ao representar um tipo capaz de grandezas e mesquinhezas alternadas. No que diz respeito à história do Brasil, esta caracterização reflete a percepção de que a identidade brasileira forma-se ao longo de contradições históricas não resolvidas que impedem o galgar da nação a patamares de maior progresso.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Rodrigo Cambará emerge, na obra de Erico Veríssimo, como personagem emblemático das tensões entre tradição e modernidade. Sua euforia pela tecnologia, pela industrialização e pelas artes, manifestada inclusive por meio da prática subversiva do violão, revela uma personalidade inquieta e transgressora. Ao mesmo tempo, Rodrigo encarna os dilemas de uma sociedade que se debatia entre a manutenção de valores tradicionais e a sedução irresistível do progresso.

Ao mesmo tempo, Rodrigo Cambará configura-se como exemplo paradigmático do "herói sem caráter" na literatura brasileira, incorporando contradições que o tornam simultaneamente grandioso e patético, admirável e censurável. Esta ambiguidade moral reflete não apenas a complexidade individual da personagem, mas também as tensões culturais de uma sociedade em formação, marcada pela coexistência conflituosa entre tradição e modernidade.

O contexto histórico de produção da obra - período de democratização e modernização acelerada - influencia decisivamente a construção desta personagem problemática. Veríssimo escreve num momento de revisão crítica da história nacional, adotando perspectiva desmitificadora que preserva a dignidade humana das personagens sem ocultar suas limitações e contradições.

"O Tempo e o Vento" permanece como uma das realizações mais importantes da literatura brasileira do século XX, oferecendo interpretação complexa e matizada da formação social e cultural do país. A figura de Rodrigo Cambará, com suas grandezas e misérias alternadas, constitui símbolo duradouro da condição humana brasileira, marcada pela busca permanente de uma identidade que se define por meio de suas próprias contradições.

A relevância contemporânea desta obra reside em sua capacidade de iluminar questões que permanecem centrais na experiência brasileira: a tensão entre

tradição e modernidade, a dificuldade de consolidar valores éticos consistentes, a busca de uma identidade cultural autêntica num mundo globalizado. Érico Veríssimo oferece recursos expressivos para representar estas contradições sem as resolver artificialmente, preservando a complexidade da experiência humana em toda sua riqueza problemática.

A hipótese inicial foi corroborada. Os objetivos, gerais e específicos, foram sobejamente atingidos. O questionamento norteador da pesquisa foi satisfatoriamente respondido.

Referências

- ANDRADE, M. de. **Macunaíma: o herói sem nenhum caráter**. São Paulo: Oficina do Livro Rubens Borba de Moraes, 1928.
- ARAGÃO, P. **O baú do animal: Alexandre Gonçalves Pinto e o Choro**. Rio de Janeiro: Folha Seca, 2011.
- BARTHES, Roland. **O rumor da língua**. Tradução de Mario Laranjeira. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- BORDINI, M. da G. **Criação literária em Érico Veríssimo**. Porto Alegre: L&PM, 1995.
- BORDINI, Maria da Glória; ZILBERMAN, Regina. **O tempo e o vento: história, invenção e metamorfose**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.
- BROOKS, Cleanth. **The well wrought urn: studies in the structure of poetry**. New York: Reynal & Hitchcock, 1947.
- CANDIDO, Antonio. **A personagem de ficção**. 13. ed. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- CANDIDO, Antonio. **O direito à literatura**. In: CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. 4. ed. São Paulo: Duas Cidades, 2004. p. 169-191.
- CHAGAS, Pedro Dolabela; OLIVEIRA, Luiz Guilherme de. Literatura self refletiu mudanças sociais do Brasil na década de 1950. **Ciência UFPR**, Curitiba, 26 out. 2024. Disponível em: <https://ciencia.ufpr.br/portal/estudo-destaca-linha-literaria-que-refletiu-mudancas-sociais-do-brasil-na-decada-de-1950/>. Acesso em: 4 nov. 2025.
- CHAVES, Flávio Loureiro. **Érico Veríssimo: o escritor e seu tempo**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1999.
- COMPAGNON, Antoine. **Literatura para quê?** Tradução de Laura Taddei Brandini. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.
- COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2006.
- CULLER, Jonathan. **Teoria literária: uma introdução**. São Paulo: Beca, 2002.
- DALCASTAGNÈ, Regina. **Entre fronteiras e cercado de armadilhas: problemas da representação na narrativa brasileira contemporânea**. Brasília: Editora UnB, 2005.
- DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora da UnB, 2001.
- FAORO, R. **Os donos do poder: formação do patronato político brasileiro**. 3. ed. São Paulo: Globo, 2001.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

LEAL, V. N. **Coronelismo, enxada e voto**: o município e o regime representativo no Brasil. 2. ed. São Paulo: Alfa-Omega, 1975.

LUKÁCS, G. **A teoria do romance**: um ensaio histórico-filosófico sobre as formas da grande épica. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2000.

LUKÁCS, G. ****Ensaio sobre literatura****. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.

ORLANDI, Eni P. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. 10. ed. Campinas: Pontes, 2012.

PESAVENTO, S. J. **História do Rio Grande do Sul**. 7. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1999.

REMÉDIOS, M. L. R. **História da literatura do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1999.

RICHARDS, Ivor Armstrong. **Practical criticism**: a study of literary judgment. London: Routledge & Kegan Paul, 1929.

STAIGER, E. **Conceitos fundamentais da poética**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997.

TABORDA, M. **Violão e identidade nacional: Rio de Janeiro 1830-1930**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

TINHORÃO, J. R. **História social da música popular brasileira**. São Paulo: Ed. 34, 1998.

SEVCENKO, N. **Literatura como missão**: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

VERÍSSIMO, É. **O tempo e o vento**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. 3 v.

ZILBERMAN, R. **A literatura no Rio Grande do Sul**. 3. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992.

ZILBERMAN, Regina. **Do mito ao romance**: tipologia da ficção brasileira contemporânea. Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 1982.